II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

A oficina de leitura como espaço potencial.

Saj Porcacchia, Sonia y Barone, Leda Maria Codeço.

Cita:

Saj Porcacchia, Sonia y Barone, Leda Maria Codeço (2010). *A oficina de leitura como espaço potencial. II Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVII Jornadas de Investigación Sexto Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-031/856>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eWpa/WDb>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

na. FREUD. S. (1914) Introducción del narcisismo. (Ammorrtu editores). Buenos Aires: Argentina.

FREUD S. (1904 1919) Los escritos técnicos. (Ammorrtu editores). Buenos Aires: Argentina.

LACAN. J. (1951 1953) Seminarios 1. Los escritos técnicos de Freud.(Paidós). Buenos Aires: Argentina.

LACAN. J. (1964) Seminario 11. Los cuatro conceptos fundamentales del Psicoanálisis.(Paidós). Buenos Aires Argentina.

LACAN. J. (1969 1970). El reverso del Psicoanálisis. (Paidós) Buenos Aires: Argentina.

MILLER. J A. (1998) El hueso de un análisis. (Tres Haches).Buenos Aires: Argentina

MANNONI. O. (1989). ¿Es analizable la adolescencia?. Un intenso y permanente asombro. (Gedisa). Buenos Aires: Argentina.

NAJLES. A.R. (1996). Una política del psicoanálisis con niños.(Plural Editorial). La Paz: Bolivia.

FLESLER. A. (2007). El niño en análisis y el lugar de los padres. (Paidós). Buenos Aires: Argentina.

MILLÁN. E WAINSTEIN. S. (2000). Adolescencia, Una lectura psicoanalítica. (El Megafono). Buenos Aires Argentina.

Programas de la materias: Psicología del Ciclo Vital II de la Licenciatura en Musicoterapia y "Diagnóstico y abordaje de las crisis infanto- juveniles" de la Licenciatura en Psicología, Facultad de Psicología de la UBA

Teóricos de las materias antes mencionadas dictados por el Prof. Lic. Ramón Antonio Ojeda y la Prof. Lic. M. Eugenia Saavedra.

A OFICINA DE LEITURA COMO ESPAÇO POTENCIAL

Saj Porcacchia, Sonia; Barone, Leda Maria Codeço
UNISA - Universidade de Santo Amaro. Brasil

RESUMEN

A partir da observação de mudanças importantes em crianças com dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita que participaram de um grupo de leitura, o presente trabalho pretende defender o uso de Oficina de Leitura como modelo para a prática terapêutica do brincar. Ele concebe a Oficina de Leitura como Espaço Potencial estudado por Winnicott e o livro como uma espécie de objeto transicional capaz de facultar o trânsito da criança em direção à simbolização. O terapeuta nessa situação, através do holding promove um espaço de acolhimento capaz de sustentar a confiança dos participantes e de propiciar o viver criativo, ao mesmo tempo em que apresenta o livro como importante objeto cultural. A Oficina de Leitura teve função terapêutica na medida em que propiciou um diálogo lúdico na sobreposição de duas áreas do brincar, a das crianças e a da terapeuta sustentado no Espaço Potencial. O apoio e a ajuda da terapeuta realizados de forma suficientemente bem auxiliaram as crianças a descobrirem o seu próprio self, a existir e a sentir-se real.

Palabras clave

Leitura Espaço potencial Literatura

ABSTRACT

WORKSHOP FOR READING AREA AS POTENTIAL

From the observation of important changes in children with learning difficulties in reading and writing who participated in a reading group, this paper aims to defend the use of Reading Workshop as a model for the practice of play therapy. It conceives the Reading Workshop as a Potential Space studied by Winnicott and the book as a kind of transitional object capable of providing the transit of children towards symbolization. The therapist in this situation promotes through the holding a welcoming environment capable of sustaining the participants' confidence and promote the creative live at the same time the therapist shows the book as an important cultural object. The Reading Workshop had therapeutic function while it provided a playful dialogue in two overlapping areas of play, the children and the therapist areas, sustained in the Potential Space. The support and help of the therapist performed sufficiently well helped children to discover their own self, to be there and to feel real.

Key words

Reading Potential space Literature

INTRODUÇÃO

Sabemos da dificuldade de crianças que não conseguem aprender a ler e a escrever, esperando que a leitura e a escrita sejam feitas pelo outro e se colocando num estado de dependência e submissão. Tais crianças muitas vezes têm dificuldade de ser ativas e independentes no processo de aprendizagem. Elas são capazes de decodificar um texto, mas não propriamente de fazer uma leitura, pois o sentido lhes escapa. No entanto, sabemos que para aprender a criança deve se lançar ao jogo da aprendizagem e que não basta se submeter.

Saber ler e escrever nas sociedades modernas é fundamental para a inserção social do sujeito. De posse da leitura, o sujeito não é mais o mesmo. Pela leitura ele pode entrar em contato com o passado, conhecer sua realidade e melhor se projetar no futuro. A leitura contribui para aquilo que Winnicott (1975) considera o viver criativo, de maneira que não saber ler e escrever pode significar um déficit importante para o sujeito, uma ausência de vida

cultural.

Dessa maneira, pensamos a Oficina de Leitura, como um espaço de leitura de diversas histórias de literatura infantil, com possibilidade para despertar a criatividade pelo uso e pela experimentação de diversos objetos existentes nesse espaço, permitindo que a criança reorganize o seu *self*, ressignifique seus traumas e reelabore suas perdas, enfim que seja capaz de promover a elaboração criativa das vivências.

Essa idéia está apoiada em Winnicott (1975), quando diz que podemos estender o conhecimento da Psicanálise para contextos diferentes e modificando a técnica, quando não for possível, ou houver argumentos contra, então se pode criar uma modificação adequada. É dessa maneira que entendemos a Oficina de Leitura, orientada pela Psicanálise.

Com base no que postula Winnicott (1975, p.161): “psicoterapia não é fazer interpretações argutas e apropriadas; em geral, trata-se de devolver ao paciente, a longo prazo, aquilo que o paciente traz”. Assim, acreditamos que a “Oficina de Leitura” instaurou um campo terapêutico fora do dispositivo padrão da psicanálise. A terapeuta e as crianças estabeleceram uma forma de diálogo lúdico, respeitando-se as necessidades de cada uma, e, sempre propiciando uma superposição de áreas de brincar, como estabelece Winnicott (1975, p.59):

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é.

Logo, nesse encontro era muito importante que a terapeuta pudesse estabelecer uma relação de confiança com a criança, ora se oferecendo para o uso e ora se recolhendo, o que poderá facilitar a passagem da dependência para a autonomia, e, dessa maneira levando-a a criar sua própria aventura de aprender. Tal idéia parece-nos ir ao encontro do pensamento de Winnicott quando salienta a importância da presença do terapeuta:

A criança está brincando agora com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. Essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar (Winnicott, 1975, p.71).

Desta maneira, podemos pensar que a função do terapeuta para Winnicott (1975, p.161) é “devolver ao paciente, em longo prazo, aquilo que o paciente traz”. E se o terapeuta:

[...] o fizer de forma suficientemente bem, o paciente descobrirá seu próprio eu (*self*) e será capaz de existir e sentir-se real. Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para relaxamento (Winnicott, 1975, p.161).

Quando tomamos o brincar estamos considerando outra dimensão, “não a que se ocupa com a análise dos conteúdos da brincadeira, mas aquela que se ocupa com o próprio fato ou possibilidade de fazer essa ação” (Fulgencio 2008, p.129). Segundo Winnicott (1975, p.74) “o brincar é por si mesmo uma terapia” e “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre e desenvolve o eu (*self*) (Winnicott, 1975, p.80). Dessa maneira para Winnicott (1975) o brincar está relacionado a uma determinada relação com o mundo, com o trabalho, com as pessoas com quais convivemos.

A observação da capacidade de brincar na Oficina de Leitura estava relacionada ao uso da criatividade das crianças, ao estar vivo. E, como esclarece Fulgencio (2008, p.131) “o brincar e a brincadeira correspondem à possibilidade de habitar uma área intermediária na qual há uma união e separação do mundo subjetivo e do objetivamente dado, o que certamente não ocorre o tempo todo”. Segundo esse autor essa é a área do “lugar em que vivemos; é a área da experiência, em que o brincar se realiza e que mais tarde compreenderá o espaço da arte, da religião, do trabalho e da vida social em geral” (Fulgencio, 2008, p.131).

É nesse sentido que trabalhamos com o brincar na nossa Oficina de Leitura, na sobreposição de duas áreas do brincar, a das crianças e a da terapeuta. Como diz Winnicott (1975), eram pessoas que brincavam juntas, e que com isso tinham a possibilidade de construir a totalidade da sua existência experiencial. Conforme ressalta Fulgencio (2008, p.133):

O brincar, como modelo para a prática analítica, é concebido em função do encontro com o si-mesmo, da comunicação e da interação entre a realidade subjetiva e a objetivamente percebida, encontro que contribui para o amadurecimento, uma vez que corresponde a um tipo de integração da pessoa. Esse conjunto de acontecimentos vividos e repetidos na situação analítica permite que o paciente possa tomar a vida como algo que lhe diz respeito, já que esse encontro se dá na área em que ele cria o mundo em que vive, ao mesmo tempo em que se adapta ao mundo objetivamente dado, sem perda significativa da sua espontaneidade.

Dessa maneira pudemos observar como as crianças se organizavam nas atividades, como transformavam uma atividade em algo lúdico, como propunham as tarefas para a psicopedagoga, enfim como foi sua vivência criativa na Oficina de Leitura.

A OFICINA DE LEITURA E O ESPAÇO POTENCIAL

A Oficina de Leitura aconteceu com cinco crianças com problemas na leitura e escrita, com oito e nove anos de idade. A cada encontro, semanal, de duas horas era realizada leitura de diferentes textos de literatura infantil.

A terapeuta, inspirada em Winnicott, utilizava a leitura de histórias e tinha consciência da necessidade de deixar aflorar um sentimento de confiança nas crianças, em um ambiente acolhedor e propício a um espaço de segurança, ou seja, uma área intermediária em que o brincar pudesse ter o seu lugar, e a partir daí, o que surgisse nessa área fazia parte da própria imaginação criativa das crianças do grupo. Assim, a Oficina de Leitura parecia propiciar um Espaço Potencial conforme denomina Winnicott (1975), - espaço que pode ser sagrado para o indivíduo, e que se inicia com a experiência do bebê com a mãe, se prolonga na relação da criança com a família e depois com a sociedade mais ampla -, e que pudesse conduzir à confiança, porque é nesse lugar que ele pode experimentar o seu viver criativo.

Assim, a Oficina de Leitura, assemelhava-se a um *setting* psicoterapêutico winnicottiano, que comporta os aspectos relacionados à mãe-ambiente, em que a terapeuta oferecia a constância, a previsibilidade e a confiabilidade, tanto no ambiente físico, como no cuidado pessoal, aceitando ajustar-se às expectativas das crianças, estabelecendo um diálogo constante capaz de permitir o aparecimento do verdadeiro *self*. Conforme afirma Winnicott (1975, p.161), “sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para o relaxamento.”

Dessa maneira, a Oficina de Leitura sobreposta a um Espaço Potencial possibilitava o surgimento de fenômenos transicionais, que poderiam, talvez, representar os primeiros estádios do uso da ilusão, conforme ressaltou Winnicott (1975).

Pensamos na utilização do livro como um suposto objeto transicional, que pudesse remeter a lembrança das crianças às primeiras possessões “não-eu do bebê”, ou seja, no nosso caso, o livro era o objeto que facultava o trânsito no espaço potencial, ele servia como uma membrana divisória entre o Eu e o não-Eu, até que, o estágio do Eu-sou pudesse ser alcançado, como propõe Winnicott (1975). Para esse autor o uso do objeto transicional favorece o trânsito para a simbolização e a aceitação da realidade.

No caso da nossa Oficina de Leitura podemos afirmar que o livro somado à história lida propiciou um novo “brilho no olhar” das crianças. Através dos livros e suas histórias, as crianças puderam apropriar-se de suas experiências pessoais, algumas dolorosas, passando a narrá-las.

Podemos pensar que a partir da repetição de vários encontros, a leitura passou a fazer parte da vida das crianças como algo prazeroso. Nestas situações outras experiências culturais podem ser sobrepostos, e entre elas podemos pensar no nosso caso a aprendizagem da leitura e da escrita, obtendo-se a suposta “cura”, tão

necessária para estas crianças.

A partir daí, a cada Oficina de Leitura realizada podíamos observar lentamente uma transformação na atitude, no comportamento, nos modos de ser de cada criança, formando assim um harmônico grupo de trabalho.

Dessa forma, as crianças desenvolveram a confiança e a tranquilidade, aceitando estar no grupo com a terapeuta. Com as experiências vividas a cada sessão, elas se permitiram regredir quando sentiam necessidade. Vimos esta situação quando a partir das atividades propostas as crianças se recusavam a realizar uma tarefa deixando claro que não conseguiam fazer, e não faziam, se não tivesse a ajuda da terapeuta. Acreditamos que esse fato mostrava o momento do retorno a não-integração, em que ela precisava temporariamente se ligar novamente à terapeuta para poder realizar a sua atividade, mostrando a necessidade do *holding* vivo do ser humano, para que houvesse nova oportunidade para re-integração do *self*. Como resalta Winnicott (2005, p.215) "o bebê é seguro pela mãe e só entende o amor que é expresso em termos físicos". Com o apoio e ajuda da terapeuta realizados de forma suficientemente bem, as crianças puderam descobrir o seu próprio *self*, podendo existir e sentir-se real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. In Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 42, n.1, p.124-136, 2008.
- WINNICOTT, D.W. A família e o desenvolvimento individual. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Tradução de Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LIBERTAD Y ELECCIONES DEL HABLANTESER EN LAS PSICOSIS FRENTE AL ENCUENTRO CON EL DISCURSO DEL ANALISTA.

Salinas, Laura

Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires

RESUMEN

El encuentro con el discurso del psicoanalista, -en tanto como lo propone Lacan sería deseable fuera el encuentro con un analizado-, podría producir las condiciones para una elección diferente por parte del ser del sujeto psicótico comprometido en su trabajo de autotratamiento de los retornos de lo real. En tanto serhablante esa ocasión podría suponer un momento electivo, en el que hallara las condiciones de expresar preferencia o rechazo por ese discurso, debido a sus implicancias en la toma de posición sobre su forma de gozar.

Palabras clave

Psicosis Elección Libertad Tratamiento

ABSTRACT

FREEDOM AND DECISION-MAKING OF THE TALKING BEING IN PSYCHOSIS RELATIVE TO THE ENCOUNTER WITH ANALYST'S DISCOURSE

The encounter with the discourse of the psychoanalyst, as long as Lacan proposes would be desirable to be the encounter with an analyzed-, could produce the conditions for a different choice by the being of the psychotic subject committed to its self-treatment work on the returns of the real. As a "parlêtre" that occasion could suppose an elective moment, where he will find the conditions to express preference or rejection for that discourse, because of the implications for the stance on his way to enjoy

Key words

Psychosis Election Freedom Treatment

El presente trabajo se inscribe en el marco del Proyecto de Investigación UBACyT 2008-2010 "Momentos electivos en el tratamiento psicanalítico de las neurosis en el servicio de clínica de adultos de la facultad de psicología UBA"

"...la locura...lejos de ser un insulto para la libertad, es su más fiel compañera; sigue como una sombra su movimiento. Y al ser del hombre no sólo no se lo puede comprender sin la locura, sino que ni aun sería el ser del hombre si no llevara en sí la locura como límite de su libertad" [1]

El encuentro con el discurso del psicoanalista, -en tanto como lo propone Lacan[1] sería deseable fuera el encuentro con un analizado-, podría producir las condiciones para una elección diferente por parte del ser del sujeto psicótico comprometido en su trabajo de autotratamiento de los retornos de lo real.

En tanto serhablante, esa ocasión podría suponer un momento electivo en el que hallara las condiciones de expresar preferencia o rechazo por ese discurso, debido a sus implicancias en la toma de posición sobre su forma de gozar.

"Podemos hablar de deseo en la psicosis, o debemos limitarnos en todos los casos a la pobreza conceptual y la comodidad ética con que se repite, como objetivo del tratamiento de la psicosis: "hay que acotar el goce"?

¿Son el alivio, y tal vez el decoro, las únicas metas que podemos concebir para el tratamiento de la psicosis? ¿O una clínica mejor definida permitiría una apertura diferente del analista a la psico-